

O QUE ESTAMOS FAZENDO COM A EDUCAÇÃO? A NARRATIVA NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

WHAT ARE WE DOING WITH EDUCATION? THE NARRATIVE IN THE THOUGHT OF HANNAH ARENDT

Carlos Eduardo Gomes Nascimento 1

Resumo: O presente ensaio discute a educação na perspectiva da pensadora Hannah Arendt, a introdução de crianças e dos jovens na história de um mundo compartilhado entre as gerações. No ensaio "A crise na educação", publicado por Arendt em 1958, busca-se compreender como a crise no mundo moderno incide na educação; a responsabilidade dos educadores em cuidar do legado do mundo comum; a importância na educação de narrar as experiências, por meio de histórias aos mais novos. Entende-se que a narrativa perpassa a dimensão do tempo, entrelaça experiências e afetos entre as gerações, como uma potencialidade para um modo de pensar a educação. Mediante isso, o pensamento de Arendt se faz urgente para refletir uma educação que tenha como princípio o comprometimento e responsabilidade dos educadores com o mundo que compartilhamos, um legado às novas gerações.

Palavras-chave: Educação. Narrativa. Hannah Arendt.

Abstract: This essay discusses education from the perspective of thinker Hannah Arendt, the introduction of children and young people into the history of a world shared between generations. From the main conceptions written by Hannah Arendt in the essay "The crisis in education", published in 1958, seeks to understand how the crisis in the modern world focuses on education; the responsibility of educators to take care of the legacy of the common world; the importance in education of narrating experiences, through storytelling to the younger ones. It is understood that the stories span the dimension of time, intertwine experiences and affects between generations, as a potentiality to a way of thinking about education. In this way, Hannah Arendt's thinking becomes urgent to reflect an education that has as its principle the commitment and responsibility of the educators with the world we share, bequeathed to the new generations.

Keywords: Education. Narrative. Hannah Arendt.

Introdução

Digo ao senhor: e foi menino nascendo. Com as lágrimas nos olhos, aquela mulher rebeijou minha mão... Alto eu disse, na me despedir: - "Minha Senhora Dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!..." – e saí para as luas (ROSA, 2001).

Para a pensadora Hannah Arendt (2011), a educação é o acolhimento de novos seres humanos, as crianças e os jovens, na herança de um mundo comum. As crianças e os jovens são como recém-chegados em um território estranho, permeado de cultura, histórias e saberes. Cada criança e jovem tem consigo uma potencialidade única, para pensar e agir com os outros no mundo humano, transmitindo um legado de experiências entre as gerações. Assim também, todo novo educando é portador de uma novidade singular, uma capacidade de construir o mundo e de transformá-lo, mas, para tanto, as crianças e os jovens devem ser acolhidos por uma geração mais velha que lhes apresenta o mundo com seu passado.

O presente ensaio cria, a partir do pensamento de Arendt, uma indissociável relação entre a educação e a narrativa. O acolhimento de uma geração mais nova, em um mundo com um passado memorável, constitui-se no ato de narrar um legado cultural material e simbólico. Esse é o cuidado que uma geração mais velha tem como responsabilidade em introduzir uma herança cultural às crianças e aos jovens nesse mundo. De acordo com Carvalho (2017, p. 66): "um mundo que acolhe em seu seio os novos, que os transforma em herdeiros autorizados de seu passado e agentes responsáveis por seu futuro — é possível instituir o novo". Percebe-se, assim, que a educação incide na responsabilidade da geração mais velha em cuidar do mundo, repleto de experiências humanas, para que os novos, que chegam a cada instante, possam revelar a sua singularidade.

O ensaio estende a provocação feita por Hannah Arendt em "A condição humana" (2016, p. 6): "de pensar o que estamos fazendo" frente às implicações da crise da modernidade, para o campo da educação. Assim, a partir desse argumento arendtiano, questiona-se: "o que estamos fazendo" com a educação? Com isso, considera-se que o diálogo com o passado é fundamental para pensar outros caminhos ante a crise na educação.

Dentre as possíveis leituras, visa-se compreender a concepção de educação em Hannah Arendt, a partir da noção do cuidado permanente com a temporalidade do mundo comum, diante da fragilidade dos assuntos humanos. Este modo de pensar a educação, através da noção de cuidado, dá-se por meio de uma dupla acepção: o cuidado com o passado, na conservação de uma herança cultural; e o cuidado com a potencial fruição das crianças e dos jovens que são introduzidos no mundo presente, onde diversas gerações ainda se movem.

O que estamos fazendo com a educação?

A educação, tema desafiador, abordado no pensamento de Hannah Arendt, está em confluência com algumas de suas principais instigações, tais como: o esfacelamento do mundo comum pela perda da tradição (ARENDR, 2011); a ameaça de esquecimento do passado (ARENDR, 2011) e a imprevisibilidade da convivência humana na política (ARENDR, 2011). Tais proposições fazem parte da crise no mundo moderno e pertencem aos assuntos humanos da geração presente. Hannah Arendt não formulou uma concepção estritamente pedagógica, nem tinha a pretensão de estabelecer bases e orientações de uma teoria educacional, afinal, a própria autora diz: "não sou educadora profissional" (ARENDR, 2011, p. 222). Arendt problematizou a educação em seu ensaio "A crise na educação" (2011). Neste texto, a autora toma por base de argumentação o fracasso da educação progressiva, sob as condições de uma sociedade de massas, anunciado pela crise na educação dos EUA (ARENDR, 2011, p. 228).

A intenção da pensadora não foi apenas compreender "o que estamos fazendo" com a educação, mas evocar o sentido filosófico contido na palavra crise, que significa pôr em evidência a razão e conceber um juízo. Ao debater a educação na perspectiva da crise na sociedade de massas, Arendt não responde em seu texto apenas às exigências exclusivas do contexto dos EUA, pois a sociedade de massas é um fenômeno global. De acordo com Arendt (2011, p. 223),

a “crise na educação afeta todo o mundo”.

Segundo Beatriz Porcel (2013, p. 202): “A ‘crise’ é uma mudança que chega até nós sem preparação ou aviso prévio, enquanto ‘crítica’ é o caminho que devemos tomar para iniciar a mudança”. Arendt, desse modo, retoma o sentido grego de crise (*krinein*) enquanto juízo, em consonância a uma perspectiva crítica (*kritikos*). Assim, identificar a existência da crise, também significaria conceber uma crítica.

A crise na educação coloca em aberto questões para pensar sobre o sentido da educação no mundo moderno. Deve-se pensar a educação não por juízos pré-formados, preconceitos, mas na emergência de um convite para pensar, “na obrigação de voltar às questões mesmas, a crise exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos” (ARENDR, 2011, p. 223). A crise no mundo moderno fragiliza a transmissão dos assuntos humanos: quando não contados, não ouvidos pelas futuras gerações, nem convertidos em estórias, eles se quebram muito facilmente. Face ao fim da tradição, que esvanece os assuntos humanos, reificados nas obras de arte, na cultura e, também, apresentados às crianças na educação, torna-se evidente uma crise geral. A educação é parte dessa crise do mundo moderno.

Arendt (2016, p. 7) distingue as concepções de era moderna e mundo moderno: “a era moderna começou no século XVII, terminou no limiar do século XX; politicamente, o mundo moderno em que vivemos hoje nasceu com as primeiras explosões atômicas”. No mundo moderno, acontecimentos sonhados pela ficção tornaram-se palpáveis pela ciência: no espaço, foram lançados satélites artificiais que seguem os mesmos movimentos de corpos celestes; a fissão do átomo, subsumida as circunstâncias militares e políticas, tornou-se arma de aniquilação, a exemplo das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki; o nascimento de bebês de proveta e a possibilidade de seleção genética resultam na esperança de prolongar a vida.

A questão arendtiana “o que estamos fazendo?” remete a esses novos acontecimentos do mundo moderno, em que os homens se tornaram capazes de destruir todo o mundo, basta apertar um único botão. Face a isso, Arendt defende a relevância de uma compreensão ética e política dos assuntos humanos. Conforme Arendt (2016, p. 3):

A questão é apenas se desejamos usar nessa direção nosso conhecimento científico e técnico, e essa questão não pode ser decidida por meios científicos; é uma questão política de primeira grandeza, cuja decisão, portanto, não pode ser deixada a cientistas profissionais ou a políticos profissionais.

A ameaça de aniquilação do mundo comum ainda persiste, não apenas por bombas mais potentes que as de Hiroshima e Nagasaki, mas pelo terror que ocorre não só nos centros econômicos, EUA e Europa, como na América Latina, África, Oriente Médio e Ásia — locais que sofrem o apagamento cultural decorrente da história de políticas expansionistas do poder econômico desde o fenômeno da colonização, passando pelo imperialismo, até a especulação do mercado financeiro, durante todo o século XX. Mesmo nos dias atuais, o resultado dessa história faz suas vítimas nos países ditos “em desenvolvimento”. Como exemplo disso, no Brasil, país com história colonial, cuja base econômica se dava pela escravização de pessoas negras, que sequer tiveram a chance de conhecer e construir a sua própria história, vilipendiadas de seus antepassados pelo poder de Estado, ainda hoje, essa violência mata jovens negros nas periferias das cidades. Todavia, esses acontecimentos não tenham sido “narrados” por Arendt, seu pensamento traz um legado, em que ressoam reflexões, propostas e questões, que constituem o seu testamento para pensar o movimento dos seres humanos no mundo moderno. Esse testamento à geração presente é um modo para pensar temas fundamentais no exercício do pensamento contemporâneo no teatro da história.

Acerca disso, em “A crise na educação” (2011), Arendt chama à atenção e convoca a todos, seus contemporâneos e, também, principalmente, os educadores a responsabilidade. Segundo a autora, a educação é um ponto crítico, no qual uma geração decide se assume a responsabilidade por uma herança cultural compartilhada e o cuidado com a renovação pela chegada dos novos no mundo comum (ARENDR, 2011, p. 247). Assim, pensar a partir do ensaio “A crise na educação” (2011) de Hannah Arendt é expor que há um ponto de decisão para

aqueles que se aventuram a pensar “o que estamos fazendo” na educação.

A crise na educação

O ensaio “A crise na educação” (2011), escrito por Hannah Arendt no final da década de 1950, abre caminhos para abordar a temática da educação. Para Arendt (2011, p. 41), a educação surge como fonte de reflexão, enquanto um exercício de pensamento, na busca por compreender a crise no mundo moderno.

“A crise na educação” é resultado de uma palestra realizada por Arendt na Alemanha, em maio de 1958, com o título “A crise na educação: pensamentos sobre a *Progressive Education*”, cujo texto não difere tanto da principal versão publicada em 1961, no livro “Entre o Passado e o Futuro” (2011), exceto na subtração de um parágrafo, que faz referência aos acontecimentos sobre a dessegregação racial nas escolas em Little Rock, nos EUA. No ensaio “A crise na educação”, Arendt (2011, p. 221) pensa a educação como um “problema político de primeira grandeza”. Apesar de ensejar sua análise inicial sobre instituições escolares nos Estados Unidos da América, não se trata apenas de abordar a educação como um fenômeno local.

Além disso, Arendt argumenta que a educação não constitui um problema restrito aos profissionais da educação, nem meramente metodológico “de saber por que Joãozinho não sabe ler” (ARENDR, 2011, p. 222). A crise na educação assume contornos de uma questão que diz respeito a todos os seres humanos, os quais vivem sob o abrigo de um mundo comum. Nesse sentido, interpela Arendt (2011, p. 245):

O problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, não poder esta abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição.

Problema extremamente difícil, a crise na educação surge no seio de uma sociedade de massas. Arendt reflete como a emergência de uma crise mais ampla, no mundo, incidiu na educação. A partir desse enfoque na educação, Arendt também buscou compreender que, na atualidade, manifesta-se uma crise em face de tudo o que é passado, por conta da perda da autoridade e da quebra dos fios da tradição.

Porém, diante da crise em face de tudo o que é passado, na educação, os adultos e professores não podem abrir mão nem da tradição, como uma forma de se relacionar com o passado; nem da autoridade, que reside nas experiências fundantes na história do mundo comum. A crítica de Arendt é importante para pensar a atividade educativa dos professores nas escolas, pois tal percepção pode favorecer aos atores envolvidos na educação, a comunidade escolar e a sociedade, como um todo, sobre a importância do cuidado com as novas gerações e o respeito com o passado. Segundo Arendt (2011, p. 243):

A crise da autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude face ao âmbito do passado. É sobremodo difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado.

Com efeito, tomando como referência obra tão complexa como a de Arendt, percorrem-se caminhos para perceber o fenômeno da crise na educação nos dias atuais. Trata-se de compreender a educação, enquanto um fenômeno delicado, que diz muito sobre a condição humana. Cada nova geração, quando aporta neste mundo mais antigo, traz consigo uma novidade, conforme Arendt (2011, p. 243):

Exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora; ela deve preservar essa novidade e introduzi-la como algo

novo em um mundo velho, que por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do ponto de vista da geração seguinte obsoleto e rente a destruição.

Na concepção arendtiana de educação, existem dois pontos fundamentais: o primeiro é a responsabilidade que a geração mais velha tem em cuidar do mundo, para apresentá-lo às crianças e aos jovens; o segundo é o cuidado da singularidade de cada um deles, que aportam no mundo sempre com a promessa da novidade, isto é, cada criança tem o potencial de renovar o mundo.

Responsabilidade e cuidado na educação

Segundo Arendt (2011, p. 239): “Na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele; na medida em que ela é nova, deve-se cuidar para que essa coisa nova chegue à fruição em relação ao mundo como ele é”. Conservar o mundo e cuidar para que o mundo possa se renovar pelas mãos dos novos são duas tarefas aparentemente distintas, sob a responsabilidade do educador. Educar é escolha, implica em agir com responsabilidade, em um mundo culturalmente herdado, diverso em saberes e tradições, que são públicos. Imersas em um legado cultural, as novas gerações, ao pensar sobre as experiências passadas e interpretar as histórias, podem estabelecer outras relações, assumindo a sua responsabilidade pelo mundo. Dessa maneira, aponta Oakeshott (*apud* CARVALHO, 2017, p. 25):

Todo homem nasce herdeiro de um legado de realizações humanas; uma herança de sentimentos, emoções, imagens, visões, pensamentos, crenças, ideias, compreensões, empresas intelectuais e práticas, linguagens, relações, organizações, cânones e normas de conduta, procedimentos, rituais, habilidades, obras de arte, livros, composições musicais, ferramentas, artefatos e utensílios, em resumo, o que Dilthey chamou *geistige Welt*. [...] É um mundo de fatos, não de “coisas”; de “expressões” que têm significado e exigem compreensão, porque são “expressões” de mentes humanas. [...] E é um mundo, não porque tenha em si mesmo qualquer significado (não tem nenhum), mas porque é um todo de significações interconectadas que se estabelecem e interpretam-se mutuamente. E este mundo só pode ser penetrado, possuído e desfrutado por meio de um processo de aprendizagem. Pode-se comprar um quadro, mas não a compreensão que dele se possa ter. E chamo a este mundo nossa herança comum porque penetrá-lo constitui a única forma de tornar-se um ser humano, e viver nele é ser um ser humano.

Na escola, de acordo com Arendt, ocorre a transição da criança do âmbito familiar e privado para o mundo. Segundo Arendt (2011, p. 238): “a criança é introduzida ao mundo pela primeira vez através da escola”. No âmbito privado da família, os pais são os principais responsáveis pelo cuidado com a vida dos filhos e essa transição da família para o mundo é feita na escola, porém isso não quer dizer que a escola seja o mundo público. Arendt (2011, p. 238) explica que “a escola não é de modo algum o mundo e não deve fingir sê-lo, ela é, em vez disso, a instituição que interpomos entre o domínio do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo”. Conforme Almeida (2016, p. 118),

Assim, a educação escolar, além de compartilhar com a família o cuidado em relação à criança, tem, sobretudo, a tarefa de introduzir os recém-chegados ao mundo público. Trata-se de duas tarefas distintas, já que o espaço público não diz respeito ao bem-estar ou aos interesses privados, mas abrange as

realizações da nossa história comum.

A escola não é o próprio espaço público, mas é um âmbito pré-político (ARENDR, 2011, p. 240). Isto não significa dizer que a escola seja uma preparação *stricto sensu* para o mundo público. A escola exerce sua função na formação humana, na medida em que as crianças e os jovens podem compreender e pensar sobre as experiências comuns. Quando adultos, adentram em igualdade de condições ao mundo público, pelo exercício da cidadania.

Arendt (2011, p. 229) é muito enfática ao criticar o pragmatismo pedagógico do modelo progressiva nos EUA. Segundo a autora, esta proposta apoiava-se numa suposta autonomia das crianças: “existe um mundo da criança e uma sociedade formada entre crianças, autônomos e que se deve, na medida do possível, permitir que elas governem. Adultos aí estão apenas para auxiliar”. Nessa perspectiva, criticada por Arendt, as crianças se autogovernariam, imitando o mundo político dos adultos, sem o amadurecimento para lidar com princípios políticos. As crianças estariam “jogadas a si mesmas, ou entregues à tirania de seu próprio grupo [...] por serem crianças, não podem argumentar e não podem escapar para nenhum outro mundo por lhes ter sido barrado o mundo dos adultos” (ARENDR, 2011, p. 231). De acordo com Almeida (2016, p.123):

Arendt salienta, portanto, o perigo de aplicar indistintamente conceitos políticos de ‘democracia’ ou ‘autonomia’ ao âmbito da educação. Princípios políticos e educativos não são idênticos, mesmo que tanto a política como a educação se preocupem com o mundo comum.

Isto é, não se deve confundir o ato de introduzir as crianças no mundo, que é comum, com a ação política entre os adultos. Na perspectiva de Arendt, cabe aos adultos e aos professores, em igualdade, a decisão de apresentar o mundo e definir os rumos da educação, em favor do cuidado com as futuras gerações.

Levando em consideração os argumentos de Arendt, pode-se questionar a distinção rigorosa entre educação e política como a autora a apresenta, a partir dos acontecimentos hodiernos como o movimento das ocupações dos jovens nas escolas brasileiras ocorridas no ano de 2016 (PIAÚÍ, 2016), que podem ser compreendidos como momento de ação no espaço da educação. Naquele momento, os jovens, de modo autônomo, tiveram a coragem de assumir uma posição legítima contra decisões açodadas de uma política governamental sobre a educação, em protesto contra o Projeto de Emenda Constitucional nº 241/2016 (que limita gastos com a educação pública)¹ e, também, contra a reforma do Ensino Médio (que, entre outras questões, retirou a obrigatoriedade do ensino de Filosofia e Sociologia). Trata-se de pensar este exemplo, entre outros, em que a ação dos estudantes configura um momento significativo na transição para a vida adulta, iniciando sua entrada no mundo público. O movimento das ocupações dos jovens nas escolas constituiu processo formativo, que favoreceu a compreensão do mundo no qual estão inseridos. Nesse contexto, ousa-se pensar que a ação política, em discussões, pode nascer em espaços escolares entre os jovens e extrapolar a relação pedagógica entre professor e alunos que é característica da sala de aula.

Na perspectiva arendtiana, na escola dá-se a entrada da criança em uma herança cultural mais ampla e diversa, narrada pelo professor, o representante do mundo (ARENDR, 2011, p. 239), que tem a autoridade em cuidar e proteger o passado de um mundo herdado, trazendo o passado ao presente por meio de narrativas. O professor assemelha-se aos grandes contadores de estória, “aquele que diz o que é [...] sempre narra uma estória, e nessa estória os fatos particulares perdem sua contingência e adquirem algum sentido humanamente compreensível” (ARENDR, 2011, p. 323). Acerca do ato de narrar e dos sentidos humanamente possíveis na educação, lembra Almeida (2011, p. 212):

Para a educação, a impossibilidade de “dizer o sentido”,

¹ No entanto, tais atos normativos, que subordinam a educação pública às demandas do poder econômico que tomou o cenário político brasileiro, foram sancionadas, após pactos entre parte do Legislativo e Executivo, por cargos de mando no governo.

uma vez por todas, significa, por um lado, que não podemos simplesmente informar os alunos a respeito do sentido de algo. Apenas podemos apostar que, ao entrarem em contato com nossa forma de pensar o mundo e nossa tentativa de encontrar um sentido nas histórias do passado, eles se sintam impelidos a pensar o mundo à sua maneira. Por outro lado, introduzir os novos no mundo é, em grande parte, introduzi-los à memória da comunidade, mesmo que não haja uma memória única e reconhecida por todos, mas apenas fragmentos.

Na escola, quando o professor se torna o contador de estórias sobre o mundo, ele introduz os estudantes na história de um mundo humano. Com as estórias contadas, laços são criados entre as gerações. Nesse espaço, a educação acontece pela convivência das crianças e dos jovens com as palavras e feitos de gerações passadas, conforme expressa Arendt (2011, p. 239): “Face à criança o professor é o representante de todos os adultos, mostrando os detalhes e dizendo: – Isso é o nosso mundo”.

Narrativa e educação

O professor assume a posição de um contador de estórias, *storyteller*, na educação, quando conta as experiências do mundo humano para os estudantes. A introdução no mundo comum se faz quando as crianças e jovens podem dar um sentido ou não a cada estória, ao compreender os atos realizados pelas gerações anteriores e ao pensar na escolha de com quem se quer construir o mundo junto aos outros. Sobre o contador de estórias, lembra Aguiar:

O storyteller convida o ouvinte ou leitor a penetrar nas várias facetas de um acontecimento, deixa livre, não fecha. Cabe ao ouvinte/leitor tomar a decisão quanto à posição que adotará. Como o pensamento, a narração não é retilínea e convida cada um a recontar a história. Aliás, Arendt sempre dizia que cada geração tem que recontar o passado. Da mesma forma é o pensamento. Pensar para Arendt não se trata de uma herdade, é um processo sem fim, remete a um repensar (AGUIAR, 2001, p. 219).

O professor conta estórias de um mundo herdado de gerações antepassadas, a sua narrativa ultrapassa os limites do tempo para que as crianças e jovens também possam se sentir originários deste mundo comum e futuros criadores. Porém, tudo isso depende da responsabilidade com o mundo e o cuidado com a chegada dos novos.

Para Hannah Arendt (2011, p. 223, tradução modificada), “a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres humanos nascem *no* mundo”. A natalidade é um fato ou uma condição, dada com a chegada dos novos seres humanos no mundo. A intrínseca relação entre o sentido da natalidade e a educação se dá por conta do mundo possuir um passado e uma história, aos quais somos apresentados através da educação. Essa herança, que está na memória das antigas gerações, é representada por meio de estórias, feitos e palavras, no mundo, contados às crianças e aos jovens. A natalidade (2011, p. 247) é “o fato de todos nós virmos ao mundo ao nascermos e de ser o mundo constantemente renovado mediante o nascimento”. Com a natalidade, os seres humanos não apenas nascem biologicamente em um mundo, mas pertencem a uma herança cultural. A natalidade, essência da educação, é um fenômeno especial, cujo acontecimento tem significado amplo, inserindo os seres humanos na durabilidade do próprio mundo comum. Para Arendt (2016b, p. 39), “são do mundo e não apenas estamos nele”.

Os seres humanos trabalham, porque vivem; fabricam e agem, porque “somos do mundo”. Segundo Arendt (2016, p. 9): o trabalho, a obra e ação são as três atividades humanas fundamentais: trabalho é da ordem da necessidade; a obra, da ordem da utilidade; já a ação que é pública, diante da sua fragilidade, corre o risco de ser esquecida, se não contada em estórias. De acordo com Arendt (2016, p. 11),

O trabalho assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. A obra e seu produto, o artefato humano, conferem uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança [*remembrance*], ou seja, para a história.

Diferente do trabalho e da obra, a ação é extremamente frágil e precisa ser preservada em estórias, pois os seres humanos estão sempre entre o nascimento e a iminência da morte. No entanto, as gerações humanas não são coisas no mundo, elas transcendem o ciclo da vida biológica. Entre o nascimento e a morte, de acordo com Arendt (2016, p. 11), “a ação tem a relação mais estreita com a condição humana da natalidade”. A natalidade, uma potência que possibilita renovar o mundo. Por isso, é necessário que a educação cuide da natalidade, afinal, esta se assemelha a um segundo nascimento para o mundo, herança cultural (ARENDR, 2016 a, p. 219).

A partir do que Arendt expõe em “A Condição Humana” (2016), observa Aguiar (2001, p. 222) que, nessa obra, “a compreensão da ação e da política como esferas completamente frágeis, contingentes, Arendt vai defender o argumento de que somente a história (*story*) e, portanto, o *storyteller*, pode remediar a futilidade da ação e do discurso”. Quando os seres humanos adentram esse mundo de relações construídas com um passado e uma história, podem se sentir pertencentes a esse mundo. Cabe à geração presente ser responsável por cuidar não apenas das estórias de gerações anteriores, mas também das suas próprias estórias, reunindo e preservando novas experiências em ações e palavras sobre o mundo comum. Assim, há uma indissociabilidade entre natalidade e educação. Quando os professores contam estórias sobre o mundo, experiências de gerações anteriores que passaram por aqui, fazem-se presentes. Ao se tornar responsável em manter as estórias, cada nova geração torna-se um *storyteller* das realizações de gerações anteriores, desse modo, é apresentada uma nova história comum às gerações seguintes, os estudantes. Isso porque a “ação que possui sentido para os vivos somente tem valor para os mortos e só é completa nas mentes que a herdaram e questionam” (ARENDR, 2011, p. 31).

A educação surge como um ponto de convergência, criadora de laços estabelecidos entre as gerações, uma forma de resistir à fragilidade e à fugacidade da vida humana, contra sua mortalidade. Afirma Arendt (2016, p. 23; 2011, p. 71): “A mortalidade dos homens reside no fato de que a vida individual, com uma história vital [*life-story*] identificável desde o nascimento até a morte, advém da vida biológica”. A existência de uma vida fugaz, em sua dimensão temporal, compõe as estórias, marcas da presença singular de cada pessoa entre outros seres humanos. Estórias constitutivas de uma geração inscrevem-se no mundo comum. Diante da fragilidade do tempo humano, lembra Arendt (2016, p. 67),

Só a existência de um domínio público e a subsequente transformação do mundo em uma comunidade de coisas que reúne os homens e estabelece uma relação entre eles dependem inteiramente da permanência. Se o mundo deve conter um espaço público, não pode ser constituído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos, mas tem de transcender a duração da vida de homens mortais.

Os homens são mortais. A existência de cada ser humano encontra amparo na “realidade do mundo (...) garantida pela presença dos outros” (ARENDR, 2016 a, p. 246) ao ser contada em estórias. Os seres humanos se constroem no mundo contra a morte biológica, pois morrer significa “deixar de estar entre os homens” (ARENDR, 2016 a, p. 25). Contra o movimento natural de uma ordem cíclica da *bíós*, os seres humanos criam estórias de uma vida [*life-story*] identificável do nascimento à morte (ARENDR, 2000, p.279). Para Almeida (2011, p. 21), cada

nova estória:

[...] se insere numa história mais abrangente, na qual as muitas histórias singulares se entrelaçam, em razão do aparecimento de novos atores, num tecido em contínua transformação. A natalidade, portanto, diz respeito à dinâmica entre o mundo historicamente constituído e a chegada dos novos, que podem intervir nele.

A novidade em cada ser humano amalgama sua estória com o conjunto de estórias do mundo humano. Assim, a estória de cada um junta-se com outras, formando a história do mundo. Quando capazes de realizações, obras, feitos e palavras, os mortais interrompem o movimento cíclico da vida biológica, para adentrar a imortalidade através das narrativas.

Todas as coisas que devem sua existência aos homens, tais como obras, feitos e palavras, são percebíveis, como que contaminadas com a mortalidade de seus autores. Contudo, se os mortais conseguissem dotar suas obras, feitos e palavras de alguma permanência, e impedir sua percibibilidade, então essas coisas ao menos em certa medida entrariam no mundo da eternidade e aí estariam em casa, e os próprios mortais encontrariam seu lugar no cosmo, onde todas as coisas são imortais, exceto os homens (ARENDE, 2011, p. 72).

A capacidade de produzir coisas imortais em obras, feitos e palavras reside na atividade da ação de cada ser humano — único e mortal. Trata-se de uma atividade cuja tarefa e grandeza potencial permitem aos seres mortais encontrar o seu lugar em um cosmo onde tudo é imortal, isto é, realizar feitos imortais que podem ser ensinados através de estórias para outras gerações. A imortalidade dos feitos corta transversalmente o tempo da vida mortal, criadora de uma relação entre as gerações na lacuna entre o passado e futuro. Os versos de Ferreira Gullar no poema “Os Mortos” (GULLAR, 1999) trazem o entrelaçamento geracional no tempo:

Os mortos vêem o mundo
pelos olhos dos vivos
eventualmente ouvem,
com nossos ouvidos,
certas sinfonias
algum bater de portas,
ventanias.
Ausentes
de corpo e alma
misturam o seu ao nosso riso
se de fato
quando vivos
acharam a mesma graça.

Na educação que vincula as gerações, contar estórias representa a possibilidade das gerações encontrarem-se. Nesse sentido, os vivos podem conviver com os mortos imortais. Na esfera das tarefas educacionais, uma nova geração constituída pelas crianças e jovens são os recém-chegados ao mundo. As crianças e os jovens nascem em um mundo já existente e ainda não conhecem a história pregressa. Diz Arendt (2011, p. 226): “O mundo no qual são introduzidas as crianças (...) é um mundo velho, isto é, um mundo preexistente, construído pelos vivos e pelos mortos para os que acabaram de penetrar nele pela imigração”.

Neste mundo, as gerações constituem laços que transcendem o tempo da mortalidade — a duração de uma vida individual, ou mesmo a passagem de uma geração —, para a imortalidade. A partir do pensamento de Hannah Arendt, surgem questionamentos sobre a possibilidade de se conhecer os nossos mortos, seus feitos, obras e palavras, face à crise moderna em um mundo deserto. A importância desta reflexão na educação relaciona um mundo pree-

xistente à chegada de uma nova geração, o qual sobreviverá a sua breve permanência. Diante dessa concepção de Arendt, questiona-se: seria possível uma educação que introduza as crianças e jovens numa perspectiva de convivência temporal que articule o passado, o presente e o futuro — entre aqueles que estão presentes, os que vieram antes e uma promessa para os que virão? No livro “A Promessa da Política”, Arendt (2009, p. 269) problematiza:

O mundo humano é sempre produto do *amor mundi* do homem, um artifício humano cuja potencial imortalidade está sempre sujeita à mortalidade daqueles que o constroem e à natalidade daqueles que vêm viver nele (...). Na necessidade de iniciantes para que possa começar o novo, o mundo é sempre um deserto. Mas da condição de não mundo que veio à luz na modernidade proveio a pergunta (...): por que existe alguma coisa em vez de nada? E das condições específicas de nosso mundo contemporâneo, que nos ameaça não apenas com o nada, mas também com o ninguém, talvez surja a pergunta: por que existe alguém em vez de ninguém?

Quando os mais velhos não mais abrigam os novos e se afastam do cuidado com o mundo, a imortalidade desaparece para dar lugar ao não mundo. Se os novos não se reconhecem na convivência com gerações anteriores (os seus mortos), se uma geração não se vincula com os seus antepassados, o perigo do “ninguém” habita um espaço que se desertifica para as futuras gerações. A partir do exercício político de Arendt para pensar a educação, ante uma tradição que se desfez, busca-se uma reflexão sobre a relação entre natalidade, a essência da educação, e a mortalidade, presente nos assuntos humanos. Na educação, trata-se do esforço de compreensão não apenas para os jovens estudantes, os novos e recém-chegados ao mundo, mas também dos professores para que possam compreender um mundo permeado de cultura e histórias, e com ele se identificar. Nessa perspectiva, deve-se entender que a natalidade e a educação estão implicadas, porém são duas concepções diferentes. A natalidade é apenas um fato ou uma condição, a partir dela ou em relação a ela, há a educação. Já a educação é algo que os seres humanos realizam juntos, na apresentação e na compreensão do mundo.

A comunidade humana encontra-se no mundo compartilhado entre gerações. As crianças e jovens, os novos, convivem com aquelas experiências humanas que povoam a memória das gerações passadas, mesmo após o desaparecimento físico delas e com a potencialidade de novas experiências humanas que virão na imprevisibilidade no mundo. Pela ação do professor, introduzem-se as crianças e os jovens nessa comunidade temporal. Conforme Arendt (2011, p.239): “A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo”.

Conclusão

Com efeito, pensar e compreender o mundo compartilhado no tempo constitui-se preocupação fundante da prática pedagógica, assim, competem às escolas as alçadas do ensino e da aprendizagem (ARENDRT, 2011, p. 238). Porém, com o fim da tradição, o mundo que compartilhamos temporalmente entre as gerações foi abalado. No tocante à mediação feita pelo professor, as relações entre o passado e o futuro foram enfraquecidas o que surtiu efeitos na educação. Arendt (2011, p. 235) observa que a educação se situa em meio a um conflito mútuo entre as responsabilidades de conservar e renovar o mundo.

À primeira vista, essas responsabilidades parecem ser mutuamente excludentes. No entanto, conservar e renovar o mundo são concepções complementares, na medida em que geram o movimento fundamental ao educar, a partir de outras experiências que podem ser contadas. Conservar o mundo em suas estórias significa dar margem para potencialmente o renovar; significa um encontro do passado com o presente nas narrativas ensinadas às crianças e aos jovens.

O movimento de transformação encontra-se na essência da educação: a natalidade. Para Arendt (2011, p. 234): “a educação está entre as atividades mais elementares e mais necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através nascimento, da vinda de novos seres humanos”.

Aprender com as experiências humanas neste mundo mais antigo “volta-se inevitavelmente para o passado, não importando o quanto a vida seja transcorrida no presente” (AREN- DT, 2011, p. 246). Trazer para o âmbito escolar as experiências humanas do passado não signi- fica as reviver tais quais sucederam, nem as imitar no presente. A educação não é reprodução da vida das gerações anteriores, mas a oportunidade para as crianças e jovens conhecerem o legado cultural plural e, assim, compreenderem e pensarem o mundo.

A atitude de conservar a narrativa do mundo pela educação tem como objetivo apresen- tar as tradições e saberes para os novos, para que se tornem responsáveis pelo mundo, evitan- do sua destruição e esquecimento. Narrar as estórias do mundo é uma forma de lutar contra o desamparo, pois, através da educação, os seres humanos, assumem sua responsabilidade de cuidar do mundo e da próxima geração.

Referências

AGUIAR, O. **Pensamento e narração em Hannah Arendt**. In: Hannah Arendt: diálogos, refle- xões, memórias. (Org.) Eduardo Jardim, Newton Bignotto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

ALMEIDA, V. S. **Educação em Hannah Arendt: Entre o mundo deserto e o amor ao mundo**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Uma leitura do ensaio “A crise na educação” de Hannah Arendt** In: Revista do Cen- tro de Pesquisa e Formação. São Paulo: SESC São Paulo. 2016.

ARENDT, H. **A condição humana**. 13ª ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Uni- versitária, 2016.

_____. **A Promessa da Política**. Tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Dafel, 2009.

_____. **The portable Hannah Arendt** (Edited with introduction by Peter Baher). USA: Penguin Books, 2000.

_____. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARVALHO, J. S. F. **Educação, uma Herança sem Testamento: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

GULLAR, F. **Muitas Vozes**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1999.

PORCEL, B. **Hannah Arendt y la crisis de nuestro tiempo**. Argumentos, ano 5, n. 9 - Fortaleza, jan./jun. 2013.

REVISTA PIAUÍ, **Escola Partida**. Tiago Coelho. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/escola-partida/> acesso em: 12 de dezembro de 2017. 12/12/2017.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.